

Fala aí!

CONHECENDO O CONHECER

Alexandra Iglesias 4º período

Considerando que vivemos num mundo em que as pessoas, aos poucos, vão se tornando meios de produção, valendo por aquilo que têm e não por aquilo que são, tal texto refletirá a importância de conhecermos como conhecemos, ressaltando a relevância de nos auto conhecermos como diferentes, para que a convivência social não se torne insustentável.

No universo de consumo, que nos inserimos, o ter e o ser se confundem, fazendo com que as pessoas se percam nas coisas, valorizando em excesso os objetos de consumo. Dessa forma, na ânsia de se ter mais, de atender aos padrões de normalidade- como por exemplo, ter o que está na moda – tende-se a criar um cenário de isolamento, em que cada um dos elementos da sociedade acredita serem os detentores da verdade absoluta, do melhor, do certo, ficando cego, então, ao ato cognitivo do outro. É por isso que Maturana e Varela (1995) nos fala da importância de buscarmos conhecer como conhecemos, voltarmos para nós mesmos, descobrindo nossas cegueiras e reconhecendo que as certezas e conhecimentos dos outros são tão tênues e nebulosos quanto os nossos.

Esse contexto de não compreensão mútua, foi se constituindo ao longo dos tempos, é como se a Terra fosse uma grande escola como uma só sala, onde crianças do primário e do ginásio ocupassem todos o mesmo aposento e uma única professora (A VERDADE) ensinasse a todas as séries. A escola e os alunos, que se diferiam uns dos outros, no entanto, entraram em crise, já que não havia cooperação e harmonia entre eles. Na tentativa de se resolver o problema, a escola foi compartimentalizada em uma escola primária, em um ginásio e em uma escola de segundo grau, cada uma especializada em algo, sendo que só tinha acesso a essa escola aqueles que fossem selecionados, contudo, não havia mais contato e a crise persistia. Aí se insere a idéia da necessidade de interação com o outro e com o meio, para que estejamos nos autoproduzindo continuamente.

Assim, a solução, talvez seja, a criação de uma escola em que os mais velhos ajudam a ensinar os mais novos, havendo vários professores que se respeitam como diferentes .

Entendendo os seres humanos como históricos, processuais e dinâmicos, tomamos contato com a diversidade e, com isso, a clareza de que o excesso de não linearidade de pensamento e o excesso de linearidade (ou seja, de racionalidade) prejudicam, causam danos a nossa autopoiese (autoprodução), uma vez que não mais se toma consciência de que o conhecer é ininterrupto e que a diferença nada mais é do que uma outra racionalidade, não menos digna que a nossa. Já dizia Maturana e Varela “o mundo é uma mistura de regularidade e mutabilidade” (1995), e assim entendemos a cognição, como sendo um processo de incessante invenção de si e do mundo. A todo momento estamos transformando e sendo transformados, nos organizando e nos desorganizando, mudando posturas e conceitos para que nos adaptemos ao meio em que estamos inseridos. No livro “A árvore do conhecimento”, os autores fazem uma analogia do ser humanos com os micomixetos, em relação a essa característica. Os esporos dos micomixetos em lugar úmido, desenvolvem um flagelo que os possibilitam a movimentação, ao contrário, em contato com um ambiente seco, desenvolve-se uma forma amebóide impossibilitando a movimentação (Maturana e Varela, 1995).

Essas mudanças estruturais são desencadeadas e não determinadas pela interação que fazemos com o outro e com o meio, pois é a estrutura de cada um quem determina as mudanças ocorridas. Daí a relevância de se buscar um entendimento mútuo, deixando de lado a certeza de possuir um conhecimento absoluto, já que um mesmo fenômeno pode ser percebido de diferentes formas por vários indivíduos, ou até mesmo, por um mesmo indivíduo em diferentes períodos da vida.

(continua na próxima página)

Caligrafia

A SUPLICIADA (OU RAIVA DE NIETZSCHE)

Luciana Pena Vila Lima
4º período.

É assim que o pregador disse uma vez à igreja lotada: “Deus, falou, meu amigo, pra João anotar as fala Dele que os registro ia sê importante”

O homem é simples e me conforta com a sua palavra.

Se eu ficasse na roça ia ser rezadeira e cantar as músicas tristíssimas do sofrimento divino, mas eu quis ir pra cidade estudar o sofrimento humano

Nitzsche em Ecce Homo com seus capítulos: “Por que sou tão sábio? Por que sou tão esperto? Por que escrevo livros tão bons?”

Amo a humildade cristã. Eu não servia pra ler nada disso e ficar me amargurando ao descobrir um “Deus que está morto”

Minha vida já foi mais feliz do que triste. Hoje rumino a alegria quando ela vem. E confirmo: é raríssimo que aconteça.

É quatro de maio. Exatamente vinte e três horas e trinta minutos. Minha mãe há vinte anos sentia as dores de uma vida que ia nascer.

Faz 20 anos estou no mundo. Faz 20 anos busco respostas.

-Mãe eu mamei quantos meses?
- Dois meses e meio.
-Mãe foi difícil quando você me tirou o peito?
-Foi nada...
-Mãe você me ama?
- Que pergunta menina...dorme que já é tarde.

Deitada na cama preparo-me para dormir: penso em vida e morte. Sou uma moça assustada.

Deus mais uma vez não me responde. é nessas horas que a solidão nitzscheniana susurra no meu ouvido. Fico seduzida e me derreto mas de desesperada culpa o meu coração bate que bate.

Lembremos dos ditos de Sócrates SÓ SEI QUE NADA SEI, é isso que nos impulsiona a conhecer o conhecer, a refletir e questionar os saberes, acabando por nos levar ao encontro do nosso próprio ser. É nesse encontro que detectamos os nossos pensamentos preconceituosos, os estereótipos e as generalizações que criamos, que só distorcem a realidade e nos impede de enxergarmos o que é único e individual: o conhecer. O conhecimento não está em nenhum lugar (na religião, no meio acadêmico, etc.), mas ao mesmo tempo está em tudo e em todos. A ampliação dos nossos domínios cognitivos é alcançado no encontro com o outro, pela possibilidade de olharmos o outro como um igual, num ato que habitualmente chamamos de AMOR. Maturana e Varela tratam o AMOR como sendo um fundamento biológico do fenômeno social, afirmando que sem AMOR, ou melhor, sem a aceitação do outro, não há socialização e sem socialização não há humanidade

Diante de tudo isso, temos em nossas mãos o peso do conhecer, ou seja, a responsabilidade de não mais afirmar a certeza de uma verdade e buscar incessantemente a consciência da situação em que estamos, como estamos e o que estamos fazendo desse mundo. Recordemo-nos, portanto, que são os nossos atos, a nossa cognição, que irão determinar o mundo que teremos e o que temos.

Mural Impresso

2ª Jornada de Análise Pluridisciplinar de Situação de Trabalho

Data: 04 e 05 de setembro de 2003
Local: Universidade Federal de Mato Grosso
Informações: (65) 615-8442/ 615-8441

Curso de Formação: Terapia Familiar Sistêmica

Data: maio a novembro de 2003
Local: Instituto de Desenvolvimento Pessoal
Informações: (27) 3200-3034/ 3224

Seminário Educação 2003: Educação & Trabalho

Data: 31 de agosto a 03 de setembro de 2003
Local: Universidade Federal do Mato Grosso
Informações: (65) 615-8442/ 615-8441

Saberes e Fazeres em Psicologia

Data: 12 de junho de 2003
Horário: 9h
Local: Teatro Metrópolis – UFES
Informações: PET Psicologia – (27) 3335-2721

Curso de Atualização Interdisciplinar em Saúde

Data: maio a dezembro 2003
Local: Auditório do Hospital Santa Rita
Informações: (27) 3334-8255
E - m a i l : centroestudos@santarita.or.br
Assunto: integração profissional trazendo novas perspectivas para os serviços de saúde (concepção, princípios e diretrizes).

Curso de Psicodiagnóstico

Datas: 2º módulo – 31 de maio e 01 de junho de 2003
3º módulo – 14 e 15 de junho de 2003
Informações: (27) 3324-0372/ 9972-0372
Objetivo geral: desenvolver no psicólogo ou estudante de psicologia o conhecimento de procedimentos que lhe permitam a elaboração do diagnóstico psicológico.

levantamento: Gabriela Luppi e Liana Gama do Vale, 9 p

Crianças com necessidades educativas especiais: construção e aplicação de procedimentos avaliativos com enfoque dinâmico ou assistido

Por: Cláudia Patrocínio Pedroza e Juliana Soares Rabbi

O título dessa matéria se refere a um projeto integrado de pesquisa registrado no CNPq, com duração de 2 anos (2001-2003). Ele é coordenado pela professora do Departamento de Psicologia Social e do Desenvolvimento e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia – PPGP/UFES Dra. Sônia Regina Fiorim Enumo.

O projeto é composto pelos seguintes sub-projetos:

Subprojeto 1: Criatividade e habilidades cognitivas: uma proposta de avaliação assistida de crianças com dificuldades de aprendizagem escolar – responsável: Tatiane Lebre Dias, professora da UNEMAT e doutoranda do PPGP/UFES (bolsista CNPq). Participaram dessa pesquisa 34 alunos com dificuldades de aprendizagem de uma escola da rede municipal de Vitória. Eles foram submetidos a um programa de intervenção na área de criatividade a fim de verificar se esse melhorava seu desempenho escolar.

Subprojeto 2: Avaliação assistida de habilidades linguístico-cognitivas em crianças na situação de intervenção com sistemas alternativos de comunicação – responsável: Kely Maria de Paula, doutoranda do PPGP/UFES (bolsista CAPES). Participaram 7 crianças com dificuldades de comunicação gerada por diferentes motivos como paralisia cerebral, síndrome de Down. Elas passaram por um programa de intervenção computadorizado na área de comunicação alternativa que buscava oferecer um meio possível de comunicação para essas crianças.

Subprojeto 3: Análise dos efeitos da exposição de pais de crianças com necessidades educativas especiais a procedimentos de avaliação assistida, na interação pais-crianças – responsável: Ana Cristina Barros da Cunha, professora da UFRJ e doutoranda do PPGP/UFES (bolsista CAPES). Participaram 12 crianças com deficiência visual leve e suas respectivas mães. A pesquisa procurou perceber se a ação mediadora da mãe na aprendizagem do filho poderia ser melhorada após ela assistí-lo sendo avaliado através da avaliação assistida, em comparação a observá-lo passando por uma avaliação psicométrica, não adaptada para essa população.

O grupo de pesquisa é constituído pela coordenadora Sônia Regina Fiorim Enumo, pelas responsáveis pelos subprojetos Tatiane Lebre Dias, Kely Maria de Paula e Ana Cristina Barros da Cunha, pelas bolsistas Cláudia Patrocínio Pedroza e Juliana Soares Rabbi (projeto integrado – IC/CNPq), Alyni Pedruzzi Gotardi e Maria Júlia Barbosa de Sá e Pereira (PIBIC/CNPq), pela pesquisadora voluntária Flávia de Almeida Turini e pelas colaboradoras Erika Silva Ferrão (ex-bolsista FACITEC, atual mestranda do PPGP/UFES) e Mylena Pinto Lima (doutoranda PPGP/UFES).

O Jornal PET é o Jornal do Curso de Psicologia e o boletim informativo do Grupo PET Psicologia - UFES e é uma publicação mensal. Seus objetivos são: **a)** promover uma ampla integração em nosso curso, incluindo os estudantes, professores e profissionais de Psicologia, o Centro Acadêmico e o próprio PET, divulgando informações de interesse geral, **b)** proporcionar a todos um espaço de livre expressão e **c)** divulgar as atividades realizadas pelo Grupo PET Psicologia, seus propósitos e objetivos. *(Os artigos assinados são de responsabilidade dos seus autores)*

Diagramadoras: Alexandra Iglesias/Roberta Vieira

Expediente: Grupo PET Psicologia - UFES

Contato: tel. 3335 2721

Patrocínio: **Centro de Ciências Humanas e Naturais**

Impressão: **Gráfica da UFES**



Jornal do Curso de Psicologia - UFES

Boletim informativo do Grupo PET Psicologia – UFES, publicação mensal

Os bastidores do I simpósio “saúde e trabalho: negociações cotidianas”:

o que você não viu, não ouviu ou ainda não sabe.

O mês de fevereiro foi certamente um mês importante e que marcará a história do curso de Psicologia da UFES. Nesse mês rolou a ocupação do Teatro Metrópolis após assembléia dos alunos do curso. Essa atitude gerou e gera polêmica principalmente porque trouxe a tona uma certa “imagem” do curso de Psicologia... a imagem de que somos “desordeiros”, “arruaceiros” e principalmente “desocupados”.

É engraçado pensar nessa imagem num curso de 5 anos, 4050 horas obrigatórias, onde a esmagadora maioria dos ditos desocupados participam dos muitos projetos de pesquisa e extensão como bolsistas ou voluntários. Além dos estágios dentro e fora da faculdade.

Nesse mesmo mês de fevereiro os desocupados e desocupadas do 7º período acreditando que projetos, pesquisas, estágios, extensão e ocupação do teatro era pouco, resolveram aceitar o desafio lançado pela professora de Psicologia da Industria II – Ana Paula Louzada – para organizar o I Simpósio Saúde e Trabalho: Negociações Cotidianas.

Foram dois meses buscando patrocínios e apoios, já que uma das nossas primeiras premissas era permanecer no nosso bordão preferido: “Universidade pública, gratuita e de qualidade” e promover um fórum de discussão e de produção de conhecimento.

O que não se viu portanto, foi a enorme dedicação e empenho da turma na elaboração dos temas, nas discussões sobre trabalho, subjetividade e saúde. Não se viu toda a dificuldade de fazer a turma funcionar em grupo; não se percebeu a possibilidade de experiência e de vivência da matéria de Industria de uma forma muito mais real e tocante; não se viu o nosso desespero misturado com alegria de ter muito mais inscrições do que a gente esperava já no primeiro dia de simpósio... mas talvez se tenha visto, percebido, a nossa alegria e orgulho de ter feito parte daquilo tudo, de ter visto as pessoas participando e trocando experiências.

Para nós do 7º período, foi uma experiência surpreendente. Provar para nós mesmos que temos condição de ir além, de criar e conquistar espaços, de trabalhar em grupo, de produzir algo de qualidade, e não se deixar amarrar pelos estereótipos de que somos “desocupados”, de que nada se produz, de que não há possibilidade de mudar e fazer mais... E essa é a nossa vontade para todas as ações do curso: que a gente se deixe sonhar mais, ousar mais e acreditar sempre!